

Europa Nazarene  
Bible College  
Library

# O ARAUTO DA SANTIDADE

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO / SETEMBRO DE 1983



## “dai-lhes vós de comer”

O avião ficou parado, no início da pista, aguardando ordem de descolar. Chuva forte e nevoeiro intenso pareciam ser a causa da demora que já se prolongava por uns vinte minutos. Sinais de impaciência agitavam os passageiros. Finalmente, uma senhora explodiu: “Alguém devia fazer alguma coisa!”

A frase nada tem de original. Ouvimo-la em toda a parte: “Alguém devia fazer alguma coisa!” *Alguém*. Esperamos sempre que mais *alguém* faça alguma coisa. Desde o trivial até ao sublime, que *alguém* o faça para nós.

Quem será esse *alguém* capaz de arrumar o que está fora de ordem, legislar e implementar princípios de conduta, censurar ou punir faltosos... e até levantar nevoeiros ou mandar parar a chuva?

Essa pessoa sem face e sem nome tem muito trabalho que lhe lançámos sobre os ombros já sobrecarregados. Se ela não pode ser identificada, embora seja extremamente popular, ao menos oferece um escape oportuno, um recipiente para os que desejam transferir responsabilidades.

S. Marcos contou de uma ocasião em que milhares seguiram a Jesus durante o dia inteiro. O lugar era deserto, achavam-se todos longe de casa e nada tinham comido. Os discípulos armaram-se então em defensores do povo. Foram pedir a Jesus: “Despede-os, para que vão aos lugares e aldeias circunvizinhas, e comprem pão para si, porque não têm que comer” (Marcos 6:36).

Em vez de receberem uma medalha pelo seu pensamento humanitário, os discípulos viram-se no centro de uma questão comprometedora. Voltando-se para eles, Jesus disse: “Dai-lhes vós de comer”.

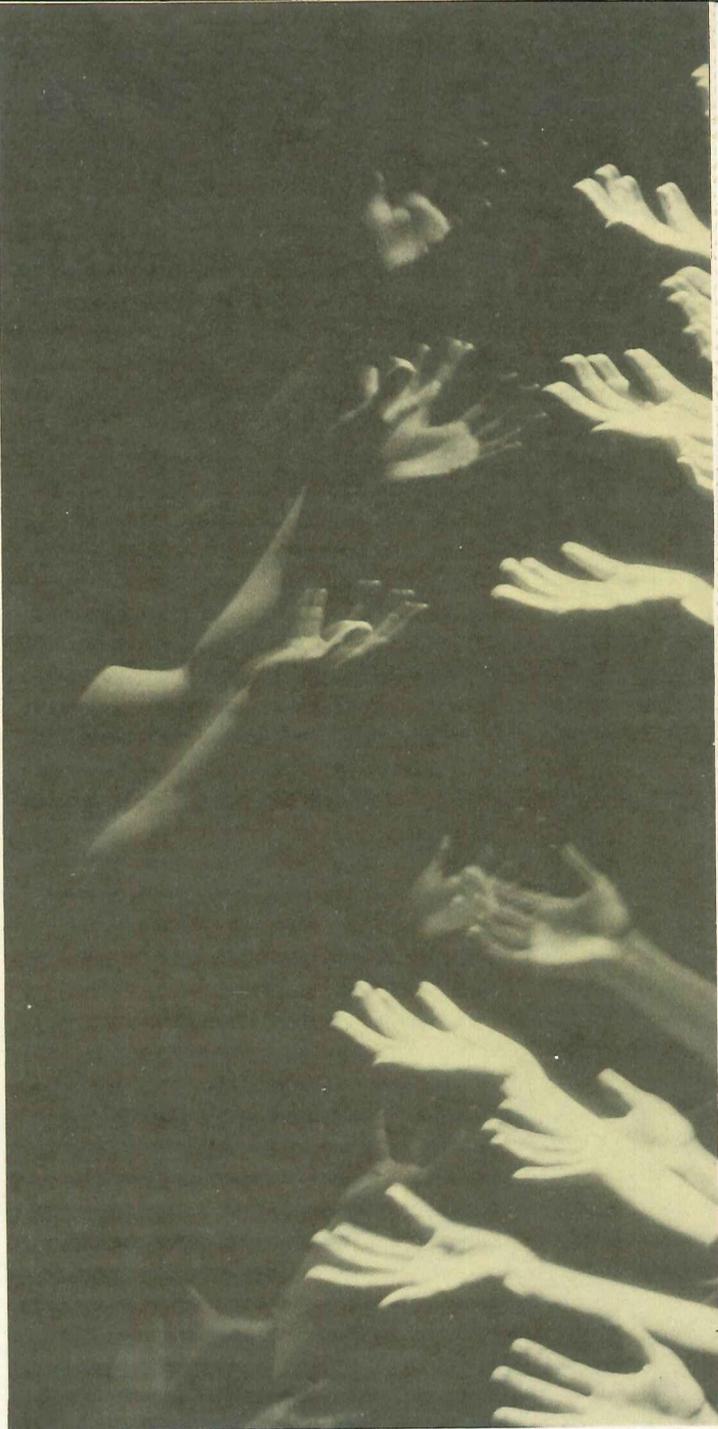
Deviam soltar uma gargalhada? Estaria o Mestre a brincar? Eles?! Dar de comer a milhares de famintos... e em lugar deserto... numa noite escura?

Três boas desculpas populares para não agir: 1) necessidade demasiado grande; 2) ambiente inadequado; 3) escassez de tempo.

O livro de desculpas do mundo é volumoso, inteligente e original. Há sempre mil razões pelas quais fugimos a responsabilidade e deixamos de acudir a pessoas em crise.

Era óbvio, no caso dos discípulos, que Jesus conhecia bem a lógica das desculpas apresentadas. Estando presente, Ele via o povo, seguia o desaparecer do sol e tinha consciência da distância que os separava de qualquer outra fonte de ajuda. Entretanto, ordenou: “Dai-lhes vós de comer”.

Alguém mencionou logo a questão de dinheiro: nem duzentos denários bastariam para tanto povo. Em outras palavras, este é trabalho para milionários — não para pobres como nós.



Foi bom que tivessem mencionado o que *não* tinham. Ecoaram gerações passadas e futuras. Jesus não perdeu tempo discutindo o que eles não tinham. A lista poderia ser grande; escrevê-la ou citá-la só aumentaria a miséria do povo.

O que o Nosso Senhor fez foi salientar o que tinham. “Quantos pães tendes?”, perguntou Ele. Descobriram cinco pães e dois peixes.

A base é: começar com o que temos nas mãos, agora e já. Os benfeitores do futuro sonham com um amanhã que nunca chega. As soluções para hoje têm de ser feitas com os recursos de hoje.

*Cinco pães e dois peixes*. Pouco, sim, mas bom princípio.

A segunda contribuição que Jesus esperou dos discípulos foi o envolvimento pessoal. Confiou-



-lhes a tarefa de acomodar a multidão, fazê-la sentar, transmitir-lhe um sentido de dignidade contida na disciplina e decência.

Seguiu-se, então, a ordem de servir. É mais fácil dar dinheiro que servir. Quem dá apenas dinheiro pode até sucumbir à tentação de se gabar, ficar inchado de orgulho. Mas há uma qualidade especial no servir, na ajuda dada em termos de contacto directo, envolvimento real com necessidades e necessitados. Os amigos de Jesus não falam de massas, de povo indistinto cuja característica mais pronunciada é o número de cabeças ou de males. Jesus ensina o valor e a singularidade do indivíduo. E foi a este que os discípulos serviram um banquete de solidariedade. □

—Jorge de Barros



—William M. Greathouse  
Superintendente Geral

# AGAPE E TORÁ

Há 25 anos que a palavra *agape* começou a divulgar-se no vocabulário evangélico. Hoje até não convertidos sabem que ela significa amor cristão.

Por fé em Cristo experimentamos o amor—*agape*—através do dom do Espírito. “O amor de Deus está derramado em nossos corações, pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Romanos 5:5). Este amor, então, constitui o poder de uma nova obediência (I João 5:3).

“Só a fé justifica e cumpre a lei”, disse Lutero, “porque os méritos de Cristo nos comunicam o Espírito e este torna o coração alegre e livre, tal como a lei o exige”. Nunca foi dada melhor explicação de *agape*. “O Espírito torna o coração alegre e livre” para obedecer a Deus.

*Tora* é uma palavra hebraica que se refere à lei de Deus. Literalmente, significa “instrução”. A *Tora* foi dada por Deus a Moisés no monte Sinai e este transmitiu-a ao povo a quem o Senhor libertara da escravidão do Egito.

*Tora* pode ser definida como “instrução para os remidos”. Também como forma de mandamento: “Eu sou o Senhor, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão. Não terás outros deuses diante de mim” (Êxodo 20:2-3). “Eu te remi”, diz o Senhor, “portanto deves ser santo”.

O termo *Tora* pressupõe santidade. No seu sentido original do Antigo Testamento não era um sistema de leis, como foi mais tarde. Era um compêndio de instruções e mandatos dados por Deus ao povo, para seu bem. O povo devia obedecer motivado pelo amor do Senhor que o libertara e lhe dera o Seu pacto.

Jesus veio para resgatar a lei da forma judaica pervertida e restituir-lhe o significado original.

Não veio abrogar a lei, mas cumpri-la e completá-la (Mateus 5:17; 22:35-40). Jesus é o nosso novo Moisés. "Porque Moisés disse: "O Senhor, vosso Deus, levantará, de entre os vossos irmãos, um profeta, semelhante a mim; e ele ouviréis, em tudo quanto vos disser. E acontecerá que toda a alma que não escutar esse profeta será exterminada de entre o povo" (Actos 3:22-23).

Como o Antigo Israel, a nossa primeira necessidade é de redenção. Mas Jesus é mais do que Redentor, pois nos libertou do pecado e capacitou para uma nova vida de obediência. Também é o nosso Moisés quando diz: "Ouvistes que foi dito aos antigos. . . Eu, porém vos digo" (Mateus 5:21-48).

Precisamos tanto do *agape* como da *Tora*: o primeiro para motivação; e a segunda para orientação e desafio à santidade. "Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus" (Mateus 5:48). No Sermão da Montanha e nos ensinamentos de Jesus, bem como em todo o Novo Testamento, a nova *Tora* significa que devemos ser verdadeiramente povo santo de Deus no mundo.

O erro básico da doutrina popular da "ética de situação" encontra-se aqui: segundo ela, o que todos os cristãos precisam é do impulso para amar. Não, o amor precisa de orientação! Para nós essa orientação encontra-se na *Tora*, de acordo com a interpretação de Jesus e dos apóstolos.

As Regras Especiais da Igreja do Nazareno constituem para nós expressão contemporânea da *Tora* cristã—instruções para vivermos piedosamente no mundo pagão que nos rodeia. "Devem ser observadas cuidadosa e conscienciosamente como directrizes e ajuda no viver santo. Os que violam a consciência da igreja fazem-no para seu perigo e prejudicam o testemunho da igreja" (*Manual*, 32,2).

Precisamos igualmente da *Tora* e do *agape*. □

4 (276) 15 de Setembro de 1983

# O ARAUTO DA SANTIDADE

Volume XII  
Número 18  
15 de Setembro de 1983

**BENNETT DUDNEY,**  
Director Geral  
**JORGE DE BARROS,**  
Director  
**ACÁCIO PEREIRA,**  
Redactor  
**ROLAND MILLER,**  
Artista  
**CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES,**  
Administradora

O ARAUTO DA SANTIDADE  
é membro da EPA  
(Associação da Imprensa  
Evangélica)

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-310) é o órgão oficial da Igreja do Nazareno nos países onde se fala o português. É publicado quinzenalmente por Publicações Internacionais da Igreja do Nazareno e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, E.U.A. Assinatura anual, U.S.\$2.00; número avulso, U.S.\$1.00. Favor dirigir toda a correspondência à Casa Nazarena de Publicações, P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141, E.U.A.

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-310) is published semi-monthly by Publications Services — Portuguese — of the Church of the Nazarene. Printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, U.S.A. Subscription price: U.S.\$2.00 per year in advance; single copy, 10 cents in American currency. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, 64141, U.S.A.

#### FOTOS:

Capa — Luoma  
P. 2, 3 — H. Roberts  
P. 8, 9 — D. Anderson  
P. 10, 11 — Sunrise Photos  
P. 12, 13 — H. Füssle



# SALV

A História de Portugal relata como, após sessenta anos sob o jugo espanhol, a nação se libertou. Morto o Cardeal D. Henrique, por direito de sucessão o trono português foi para o rei de Espanha. O povo durante anos cantara pelas ruas da cidade: "Viva o Cardeal D. Henrique no inferno muitos anos, pois deixou em testamento Portugal aos castelhanos". Sessenta anos em que o país ficou ao desamparo e em que foram também vítimas os territórios ultramarinos. Além dos espanhóis, os franceses, os holandeses e até a aliada Inglaterra procuraram tirar vantagem da situação. Mas o povo almejava a liberdade. Na manhã do primeiro de Dezembro de 1640, um grupo se dirigiu ao palácio. Alguém perguntou: "Que está a acontecer?" O chefe do grupo respondeu: "Não se altere, chegamos ali ao paço real e num instante, tiramos um rei e pomos outro". Dessa forma, aparentemente tão simples, a nação deu seu primeiro passo para a liberdade.

Quero aqui referir-me à frase —num instante— porque é também dessa forma que o crente encontra a verdadeira liberdade em Cristo. O preço da nossa liberdade foi pago por Cristo, "aquele que nos ama e em seu sangue nos libertou dos nossos pecados" (Apocalipse 1:5); mas a aceitação desta liberdade depende de nós.

Certamente houve passos preliminares antes que o grupo fosse ao passo real substituir "num instante" um rei por outro. O príncipe herdeiro da coroa, D. João, foi consultado, algumas medidas foram tomadas, e quando ele disse sim à resposta dos revolucionários, a liberdade já era um facto, esperando somente a sua consumação "num instante". O príncipe aceitou a ideia: o plano era bom, ainda que perigoso. Ele era

# ADOR E SENHOR

o povo, a nação que, embora enfraquecida, desejava a liberdade. Ele considerou as implicações, uma reacção espanhola, as mortes, a fome, mas disse *sim*. Foi o suficiente: um *sim* de coração!

Há muita gente ciente de tudo quanto Cristo fez por nós, mas ainda não disseram o *sim* que resolve. O profeta Jeremias diz: "Somente reconhece..." (3:13). Este é o primeiro e fundamental passo para alguém se libertar dos seus pecados. Admitir que Deus é "hábil" para:

—Livrar (Daniel 3:17). Sadraque, Mesaque e Abednego sabiam-no e por isso entraram na fornalha.

—Cumprir (Romanos 4:21). Abraão estava "certíssimo" e creu.

—Fazer "muito mais" (Efésios 3:20). Paulo sabia e agora transmite para nós sua experiência com Deus.

—"Salvar perfeitamente" (Hebreus 7:25).

É nossa experiência pessoal que Deus pode perdoar e "fazer muito mais", santificar! Mas para que isso aconteça na vida de qualquer é necessário não somente reconhecer-se pecador e necessitado, mas o poder de Deus para libertar na hora, num instante. Jesus, ao curar a sogra de Pedro (Lucas 4:39), ela, "levantando-se logo, servia-os"; ao curar o leproso (Lucas 5:13), "logo, a lepra desapareceu"; ao paralítico (Lucas 5:25), "e, levantando-se logo diante deles".

Trata-se de "logo" ou no mesmo instante. Graças a Deus que é assim que Ele opera, porque seria triste ver o paralítico levantar-se a custo com um sorriso pálido e pedir um pau para se segurar e ir puxando a enxerga pelo caminho enquanto dizia: Bem, como podem ver estou um pouco melhor, graças a Jesus. Daqui a alguns dias, depois de me acostumar, vou andar melhor, compreendem! Não, Jesus salva "logo" e

"perfeitamente". Seu perdão não é a prestações: "Os teus pecados te são perdoados" (Lucas 5:23).

A mensagem que solucionará o problema do seu passado pecaminoso e lhe dará alegria duma liberdade actual é: (1) Reconhecer que é pecador; (2) confessar seus pecados; (3) confiar em Cris-

to; e (4) "jubiloso" desfrutar de salvação (Actos 8:39; 16:34).

Num instante um rei foi retirado e outro colocado; e, num instante, você passará da morte para a vida; das trevas para a luz para gozar da gloriosa liberdade de um filho de Deus! (João 8:36). □

—Eudo T. de Almeida

## rituais vazios

—W. E. McCumber

Há pouco, quando lia o jornal, uma notícia chamou-me a atenção. O encarregado de certa cadeia ordenou a um preso que cortasse o cabelo. De acordo com a notícia, era exigência daquele estabelecimento prisional o cabelo curto, por razões de higiene e de disciplina.

Em vez de obedecer, o recluso apelou para o supremo tribunal de justiça alegando que isso era contra as suas convicções religiosas. Pertencia a uma seita que proibia cortar o cabelo. O tribunal ditou uma sentença definitiva contra o preso e ordenou que ele obedecesse às regras da cadeia.

O que mais me chamou a atenção foi a contradição aparente do encarcerado. Fora condenado a dupla prisão perpétua (se é possível tal coisa) por assassinato e estupro. A sua seita religiosa deve ser realmente muito estranha. Proíbe o corte do cabelo, mas não consegue evitar que um dos seus adeptos cometa tais crimes.

Porém, não se trata de situação nova. Houve sempre quem considerasse a religião como assunto de rituais e de regras, mas não de justiça e de rectidão. Os adeptos cometem toda a espécie de crimes contra o próximo e seus bens, sem qualquer restrição de consciência. Apegam-se somente a cerimónias e rituais vazios.

Os profetas de Israel clamaram contra tal hipocrisia. Para eles era blasfémia supor que Deus aceitaria a adoração de pessoas que mentiam, roubavam, matavam e exploravam os pobres. Isaías, por exemplo, disse que o Senhor não aceitaria as solenidades, os sacrifícios e as orações do povo enquanto este se entregasse à corrupção. As exigências morais de Deus são claras e insinuantes: "Cessai de fazer mal; aprendei a fazer bem; praticai o que é recto; ajudai o oprimido; fazei justiça ao órfão; tratai da causa das viúvas" (Isaías 1:16-17). Sem justiça e rectidão os rituais religiosos não passam de actos vazios.

Nenhum ritual poderá substituir a justiça. A religião sem amor, misericórdia e dedicação ao próximo é como uma farsa diante do Senhor. Quando alguém se encontra necessitado e caído à beira do caminho e os cristãos passam de lado, mesmo quando se dirigem à igreja para adorar a Deus, escarnecem da verdadeira santidade. Merecem então a justa ira divina. Não há ritual religioso nem regras eclesiásticas que impeçam o justo juízo de Deus sobre os que procedem desta forma! □

# OS sacramentos

Num sermão intitulado "o dever da comunhão constante", João Wesley procurou "demonstrar que o cristão deve participar da Santa Ceia tantas vezes quanto possível". Embora consideremos seriamente os sacramentos, a urgência a que Wesley se referia é hoje uma exceção e não regra. Os evangélicos e os católicos romanos reduzem a dois os "sinais" da verdadeira Igreja: (a) O ensino integral do evangelho; e (b) a administração adequada dos sacramentos. Assim como os sacramentos identificam a igreja, também esta define os sacramentos. Desde a prática de I Coríntios 11 até ao presente, a igreja tem procurado sondar as acções de Cristo na "última ceia". Quando algum grupo eclesial promove reformas, sempre se identifica como verdadeira igreja. Só ela administra os sacramentos de forma apropriada, dizem seus membros.

Nada divide tão obstinadamente a igreja como a interpretação dos sacramentos. Os cristãos discordam em geral sobre o melhor veículo da graça: se o evangelho ou os sacramentos. O mesmo sucede entre os teólogos wesleyanos. É lamentável que os sacramentos provoquem tantos cismas, quando o seu propósito é unir. O nosso estudo baseia-se na origem divina dos sacramentos e no exemplo da igreja apostólica.

De acordo com os evangelhos sinópticos, a Santa Ceia realizou-se na noite antes da festa da Páscoa. Comprovam-no as actividades impróprias da Páscoa (como comprar, vender e usar armas): também não se encontrarem mencionados no evangelho de João o cordeiro pascal e as ervas amargas. Em todo o caso, realizou-se à *sombra* da Páscoa e os primeiros cristãos conservaram o seu significado. A tradição não se engana ao dizer que a Santa Ceia

é um símbolo da "Páscoa cristã".

No seu evangelho, Lucas fala de dois cálices: um antes e outro depois da ceia. Cristo iniciou a refeição referindo-Se ao reino de Deus. "E, tomando o cálice, e havendo dado graças, disse: Tomai-o e reparti-o entre vós; porque vos digo que já não beberei do fruto da vide, até que venha o reino de Deus" (Lucas 22:17-18). Este primeiro cálice faz parte do relato completo dos acontecimentos à mesa do Senhor. No fim é que distribuiu o pão e o cálice pelos discípulos.

## As palavras de Jesus

O Senhor foi revelando pouco a pouco o significado do pão e do cálice. Mateus e Marcos registaram: "Isto é o meu corpo". Lucas acrescentou: "Que por vós é dado" (22:19). E Paulo declarou: "Que é partido por vós" (I Coríntios 11:24). O cálice é interpretado à luz de Isaías 53:12. Cristo identifica-Se com o Servo sofredor que se sacrifica até à morte. O Seu sangue—símbolo de vida e de personalidade—é derramado como garantia e selo dum novo pacto. Mateus teria pensado em Isaías 53 quando acrescentou: "Para remissão dos pecados" (26:28). Após terem recebido o pão e o cálice, Jesus ordenou: "Fazei isto em memória de mim" (Lucas 22:19).

## A prática apostólica

Os apóstolos seguiram à letra o mandato de Cristo de celebrar a Santa Ceia. A prática apostólica é um dos argumentos de peso.

A fonte mais explícita quanto à igreja apostólica encontra-se em I Coríntios 11:23-24. No entanto, o contexto pressupõe outro material comprovativo que apenas está implícito.

Aparentemente, no tempo do apóstolo Paulo, o ritual transformara-se numa refeição de companheirismo. Havia distinção entre *eucharistia* e *agape*. Tertuliano descreveu mais tarde a natureza de *agape*: "A nossa ceia tem a sua explicação no próprio nome. Designa-se com o termo grego (*agape*) amor. Qualquer que seja o

seu preço, tudo é ganho, pois procura-se fazer bem ao necessitado. . . . Antes de comer, oramos; comemos só para satisfazer a fome; e bebemos só o que convém à virtude".

Esta descrição positiva de *agape* suaviza o que o apóstolo Paulo escreveu contra os coríntios, cujo interesse egoísta e a indiferença perante os necessitados contradizia a unidade—propósito da Santa Ceia. Os pobres, para quem se preparava a comida, só encontravam restos. Por isso Paulo disse: "Um tem fome e outro embriagase" (I Coríntios 11:21). Essas atitudes mostravam a desunião do corpo de Cristo. Por outras palavras, não discernir o corpo de Cristo no *agape* era comer e beber para a própria condenação.

Por razões hoje apoiadas por hipóteses, a refeição de companheirismo (*agape*) desapareceu, permanecendo apenas a Santa Ceia.

## A Santa Ceia actual

O conceito medieval da Santa Ceia alicerçava-se na doutrina *ex opere operato* desenvolvida por Tomás de Aquino. Aplicada aos sacramentos, essa doutrina dizia que estes concedem graça pela sua recepção, independentemente dos méritos ou da boa fé do oficiante e do comungante. O sacramento substituiu a Palavra. Uma avaliação céptica de tal doutrina leva-nos a concluir que se tratava de um meio de fortalecer o poder da igreja em "conceder" salvação, uma vez que os sacramentos eram prerrogativa exclusiva do clero. Segundo essa doutrina, a consagração dos elementos pelo sacerdote efectuava uma mudança literal do pão e do cálice no "próprio corpo e sangue" de Cristo.

Na sua diligência em proteger a doutrina da "presença real" de Cristo, Lutero declarou que as palavras "isto é o meu corpo" e "isto é o meu sangue" se deviam tomar à letra. Porém, a transformação não era quando o sacerdote consagrava a hóstia, mas quando o comungante a recebia

em forma sacramental. Lutero elevou a Palavra, mas manteve-a subordinada ao sacramento como meio de graça redentora.

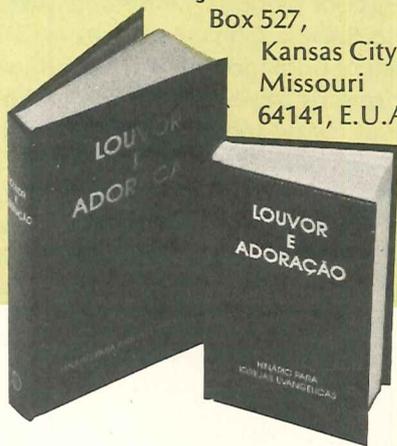
As maiores mudanças na doutrina *ex opere operato* devem-se aos reformadores radicais que seguiram Zuínglio. Este negou o conceito literal das palavras de Cristo referentes ao corpo e ao sangue. Zuínglio antecipou as objecções de João Wesley: (a) que as Escrituras não dizem "isto se converte no meu corpo"; (b) que a matéria é pão antes e depois da bênção; (c) que o pão é um símbolo do corpo de Cristo. Os elementos são indicativos da ausência do corpo de Cristo e constituem uma comemoração da Sua morte. Tem-se chamado, por vezes, à posição de Zuínglio "a ausência real". Mas ela coloca os sacramentos numa posição redentora claramente subordinada à Palavra. □ —Daniel N. Berg

### Novo Hinário

- PM-009 Música e letra, encadernado, castanho US\$7.00
- PM-010 Letra, encadernado, castanho US\$5.00
- PM-011 Música e letra, encadernado, azul US\$7.00
- PM-012 Letra, encadernado, azul US\$5.00
- PM-013 Encadernação em pasta especial com argolas metálicas, folhas soltas; ideal para músicos das igrejas US\$18.50

FAÇA HOJE O SEU PEDIDO À  
CASA NAZARENA  
DE PUBLICAÇÕES

Box 527,  
Kansas City,  
Missouri  
64141, E.U.A.



# DÚVIDAS

*Deparamos na vida com certos obstáculos que nos levam a duvidar de muitas coisas. As perguntas que por vezes formulamos nem sempre obtêm a resposta desejada. Há situações tão difíceis que até nos fazem duvidar de nós mesmos e daqueles que nos rodeiam. Essas reacções, embora pareçam normais, prejudicam imenso. Criam dentro de nós uma personalidade sombria, imbuída de atitudes negativas e pessimistas.*

*Em Deus se encontra a única resposta. O melhor remédio para dúvidas e para se compreender o mundo em que vivemos é confiar por completo no Senhor. Ao recordar as promessas do Pai, saberemos que não estamos a lutar sós. Podemos contar com a Sua ajuda e fortaleza.*

*Embora as situações da vida nos criem dúvidas e problemas, temos acesso contínuo ao Senhor e podemos estreitar a nossa relação com Ele.*

*Jó sofreu muito. Perdeu filhos, bens e a própria saúde. Certamente teria perguntado várias vezes a razão da sua tragédia. Mas até os amigos mostraram falta de compreensão. O seu sofrimento era físico e moral. Talvez lhe chegasse a parecer mais fácil renunciar à sua fé em Deus; voltar-se para outras religiões e outros deuses; culpar-se a si próprio. Na sua angústia é possível que Jó tivesse atribuído o sofrimento a algum pecado pessoal ou dos filhos. Porém, ele nunca duvidou de Deus. E a sua fidelidade foi premiada.*

*A dúvida que mais prejudica é a que leva a desconfiar da soberania de Deus. É a que impede de ver a graça do Senhor e de compreender o Seu infinito amor por nós.*

*Como Cristãos nunca duvidemos que: (1) Deus nos ama profundamente. Mesmo quando não compreendermos toda a razão das adversidades, tenhamos a certeza do amor divino. Deus sempre cumpre a tempo as Suas promessas. (2) Lembremos, também, que temos recursos para chegar ao céu, por nosso Senhor Jesus Cristo. Não precisamos de recorrer a religiões falsas, incapazes de nos orientar. (3) O Senhor prometeu Sua ajuda e presença. (4) Somos filhos de Deus. Ele perdoou-nos os pecados. Somos herdeiros do Pai celestial. Ele interessa-se pessoalmente por cada um de nós.*

*Temos certa tendência de seguir novas ideias e, muitas vezes, deixamo-nos seduzir por falsos pensamentos e teorias. O nosso inimigo não mudou de tática nem de propósito. Procura por todos os meios espalhar no coração a semente da dúvida e do erro.*

*Por toda a parte se encontram pessoas que nos podem incitar ao mal. Tenhamos cuidado. Da cedência resultam sempre graves prejuízos. Busquemos o auxílio do pastor ou do professor da Escola Dominical em tais circunstâncias. Eles estão prontos a ajudar-nos. Precisamos de viver no mundo, mas sem pecar. Jesus orou: "Não peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal" (João 17:15). Peçamos, em especial, a orientação do Espírito Santo, pois temos a promessa de que Ele nos guiará em toda a verdade.*

*Satanás esforça-se cada vez mais por confundir a fé dos cristãos. Sondemos o mundo que nos cerca. Apliquemos à nossa vida o conselho do apóstolo Paulo: "Examinai tudo; retende o bem" (I Tessalonicenses 5:21). □*



A verdadeira fé cristã não se desenvolve na ignorância. Por isso, o povo de Deus deve saber o significado dos seus actos de adoração, sobretudo, devocionais.

Quando uma família judaica ortodoxa se senta à mesa para a celebração da Páscoa, o filho mais novo pergunta: "Que significa este rito? Por que é diferente das outras esta noite?" Então o pai conta a antiga história da libertação do povo da escravidão do Egito.

A Páscoa e a Santa Ceia têm muito em comum. Suponhamos que um dos nossos meninos cristãos perguntasse: "Qual é o significado deste culto? Que representa o pão e o sumo de uva?" Que resposta lhe daríamos?

### 1. Trata-se duma festa de obediência

É um dos mandatos de Cristo: "Fazei isto em memória de mim" (Lucas 22:19). Para o filho que ama, obedecer é uma alegria. O próprio Jesus disse: "A minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou" (João 4:34). Se amamos verdadeiramente a Deus, rezojiamo-nos em Lhe obedecer.

A obediência traz valioso galardão: "Se me amais, guardareis os meus mandamentos" (João 14:15). Os cristãos fracos costumam dizer: "Não posso participar da Santa Ceia. Sou indigno e ando afastado de Deus". Recordemos, no entanto, que a Santa Ceia é um meio de graça, uma forma usada por Deus para nos ajudar a ser melhores e a ter uma relação mais íntima com Ele.

### 2. Festa de gratidão

Mateus 26:27 diz: "E tomando o cálice, e dando graças, deu-lho". O termo grego para "dar graças" é *eucaristasas*, donde provém o nome familiar *eucaristia* —uma forma santa de agradecer. A Santa Ceia deve ser um culto especial de gratidão a Deus por Suas bênçãos e amor redentor. Pensemos no Calvário. Reunimo-nos na Santa Ceia para estar com o Senhor, pois não é a mesa do ministro ou da igreja. É um lugar onde uma vez mais se cumprem as palavras: "De sorte que os discípulos se alegraram, vendo o Senhor" (João 20:20). Os ausentes, como Tomé, perdem; mas os vacilantes, como Pedro, Mateus, Tiago e Filipe, conseguem ganhar.

Existem muitas razões para agradecer. Porém, sobressai uma na Santa Ceia: "Porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda a tribo, língua, povo e nação, e para o nosso Deus os constituíste reino e sacerdotes" (Apocalipse 5:9-10).

### 3. Festa de comemoração

Infelizmente, por deficiência de memória nem sempre nos lembramos de agradecer as bênçãos divinas. Reconhecendo esta fraqueza, Deus ordenou no Antigo Testamento que se erigissem pedras e colunas comemorativas (Gênesis 28:18).

Na cruz, o Senhor Jesus ofereceu à Igreja um grande memorial: o centro do evangelho, o grão de trigo que cai na terra e morre, a fonte que purifica de todo o pecado e impureza. Quando tomamos o pão e o cálice a

## O significado da ceia do senhor

—David J. Tarrant

nossa alma enche-se de fervor. O corpo de Cristo foi entregue por mim; Jesus derramou o sangue para minha redenção.

### 4. Festa de testemunho

O apóstolo Paulo declarou: "Todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice, anunciais a morte do Senhor" (I Coríntios 11:26). É aqui que se situa o elemento vital do testemunho.

Suponhamos que um estranho assiste à adoração cristã mais sublime—a Santa Ceia. Certamente ficará decepcionado com uma cerimónia fria, acompanhada de leitura apressada do Manual e sem ambiente de gratidão.

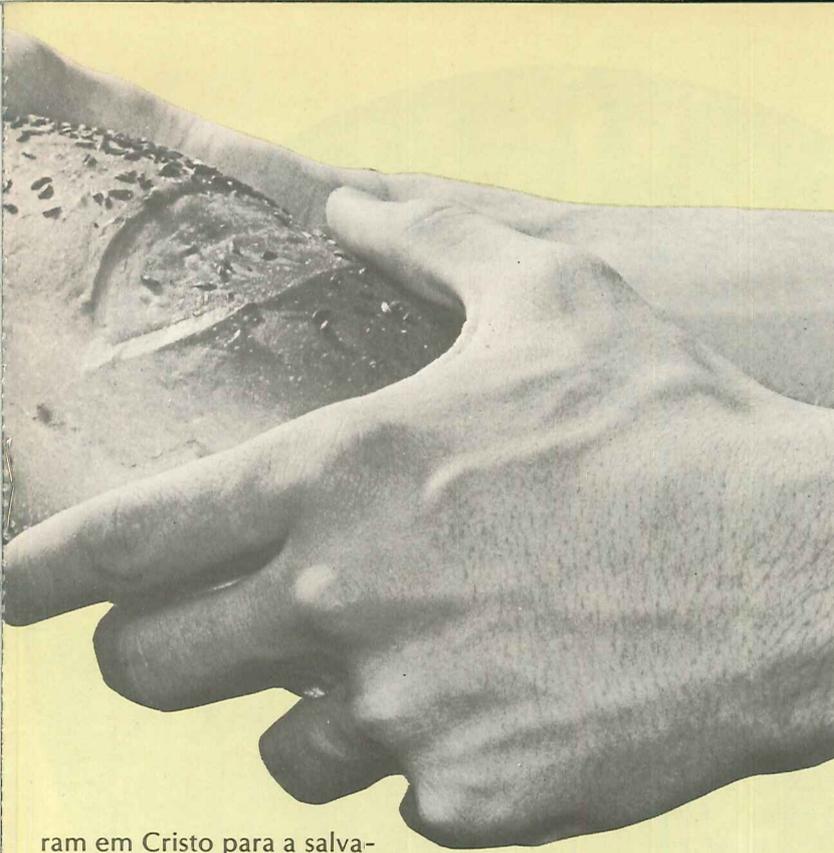
Como se celebra na sua igreja o culto de Santa Ceia? Há lágrimas em alguns rostos? Há na despedida apertos de mão carinhosos? Contribui a celebração para aumentar a assistência aos cultos?

### 5. Festa de comunhão

"Porventura o cálice de bênção, que abençoamos, não é a comunhão do sangue de Cristo? O pão que partimos, não é, porventura, a comunhão do corpo de Cristo? Porque nós, sendo muitos somos um só pão e um só corpo, porque todos participamos do mesmo pão" (I Coríntios 10:16-17).

A grandeza da comunhão cristã consiste em ser, ao mesmo tempo, horizontal e vertical. Ao andar na luz, temos comunhão uns com os outros e a nossa verdadeira relação é com o Pai e o Filho. As Escrituras vincam o companheirismo humano em Cristo: "Quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em união!" (Salmo 133:1). "Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo" (Gálatas 6:2).

Ao reunirmo-nos à volta da mesa do Senhor imitamos os 120 discípulos no cenáculo. Desaparecem barreiras. O convite diz: "Todos os que com verdadeiro arrependimento abandonaram os seus pecados e cre-



ram em Cristo para a salvação, se aproximem e tomem destes símbolos... Não nos esqueçamos de que somos um, numa só mesa, com o Senhor" (*Manual*, 802). A nossa união torna-se real. Sendo muitos, somos um só corpo, ao compartilhar do mesmo pão.

#### 6. Festa de esperança

"Anunciais a morte do Senhor, até que venha" (I Coríntios 11:26). Cristo voltará de novo. É um pensamento predominante na celebração da Santa Ceia.

Quando uma família judaica se reúne para a Páscoa, deixa uma cadeira vazia no topo da mesa para Elias, o precursor do Messias. Durante a ceia o pai pede ao filho mais velho que veja se o visitante esperado já chegou. Ao regressar à mesa, o filho declara: "Não vejo sinais da sua vinda". O pai insiste: "Vai de novo, talvez se tenha atrasado". A cena repete-se três vezes.

É um ritual que evidencia a obstinação de Israel. No entanto, também nos desafia quando nos aproximamos da mesa do Senhor. Embora não saibamos o dia nem a hora, o tempo está próximo. Cristo voltará.

#### 7. Festa de consagração

Cristo disse: "Este é o cálice da nova aliança no meu sangue" (Lucas 22:20). Este sacramento é símbolo do novo concerto, penhor de nova vida no Filho. A lei escrita em tábuas de pedra é substituída pelo fogo ardente do amor. O fruto é de preço infinito, pois foi ratificado com derramamento de sangue. "Onde há testamento, necessário é que intervenha a morte do testador" (Hebreus 9:16).

A nossa consagração deve ser total, como a de Cristo. O sacramento impele-nos a declarar: "Estou crucificado com Cristo" (Gálatas 2:19), consagrado com Ele para o mesmo propósito—"Para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus" (Romanos 12:2). □

# como orar pelas missões

—Nina G. Gunter

1. Comece por estudar passagens bíblicas relacionadas com a oração. Sirva-se, para isso, dum manual bíblico ou concordância. A base da oração deve alicerçar-se na frase: "Assim diz o Senhor..."

2. Procure contagiar os membros da igreja com o seu entusiasmo e espírito de oração.

3. Use métodos e planos adequados para que todos os assistentes à igreja orem pelas missões.

#### Algumas sugestões:

a. Faça uma lista de oração com quatro ou cinco pedidos específicos. Escreva-os em lugar visível ou faça cópias que os interessados levarão para casa para uso na oração diária.

b. Se possível, vá entregar pessoalmente cópias às pessoas ausentes. Será uma oportunidade para telefonar ou fazer uma visita.

c. Junte à lista de pedidos missionários alguns referentes às necessidades da igreja local. Para obter informação consulte o pastor ou leia o boletim da igreja.

d. Aconselhe a leitura de bons livros sobre a oração e a obra missionária. Recomende-os por todos os meios ao seu alcance.

e. De vez em quando, organize "correntes de oração" de 6, 12 ou 24 horas. Nelas convém orar especificamente pelas missões mundiais, domésticas e por necessidades espirituais e materiais da igreja local.

f. Organize pequenos grupos de oração, com dirigentes nomeados pelo pastor, para que em toda a igreja se respire uma atmosfera de oração.

g. Nos cultos missionários peça aos presentes que testemunhem sobre as respostas de Deus à oração. Desta forma, também outros serão estimulados a orar pelas missões—e a sua fé aumentará. □

# o que diz a bíblia sobre o batismo

—Bud Reedy

O batismo é uma das experiências mais significativas da vida cristã. A grande questão não é que se realize num rio, no mar, num batistério ou numa piscina; nem que seja por imersão, aspersão ou afusão. O essencial é ser-se batizado.

A Bíblia menciona a importância do batismo. Há pessoas que declaram não haver salvação sem batismo. Geralmente baseiam-se nestas três passagens: Marcos 16:15-16; Actos 2:38 e Actos 22:16. Na última lemos: "Agora, por que te detens? Levanta-te, e batiza-te, e lava os teus pecados, invocando o nome do Senhor" (Actos 22:16). De acordo com este versículo parece haver necessidade do batismo para se ser salvo. Mas para comprovar o seu fundamento bíblico recorramos a outras passagens da Bíblia e não somente a duas ou três.

Se defendermos que o batismo é indispensável, desvirtuamos o valor genuíno de outros versículos: Mateus 11:28-30; João 1:11-12; 3:16, 36; Actos 16:30-31; Romanos 10:8-10, 13; Efésios 2:8-9; e João 1:9. Todos eles declaram o que se deve fazer para a salvação,

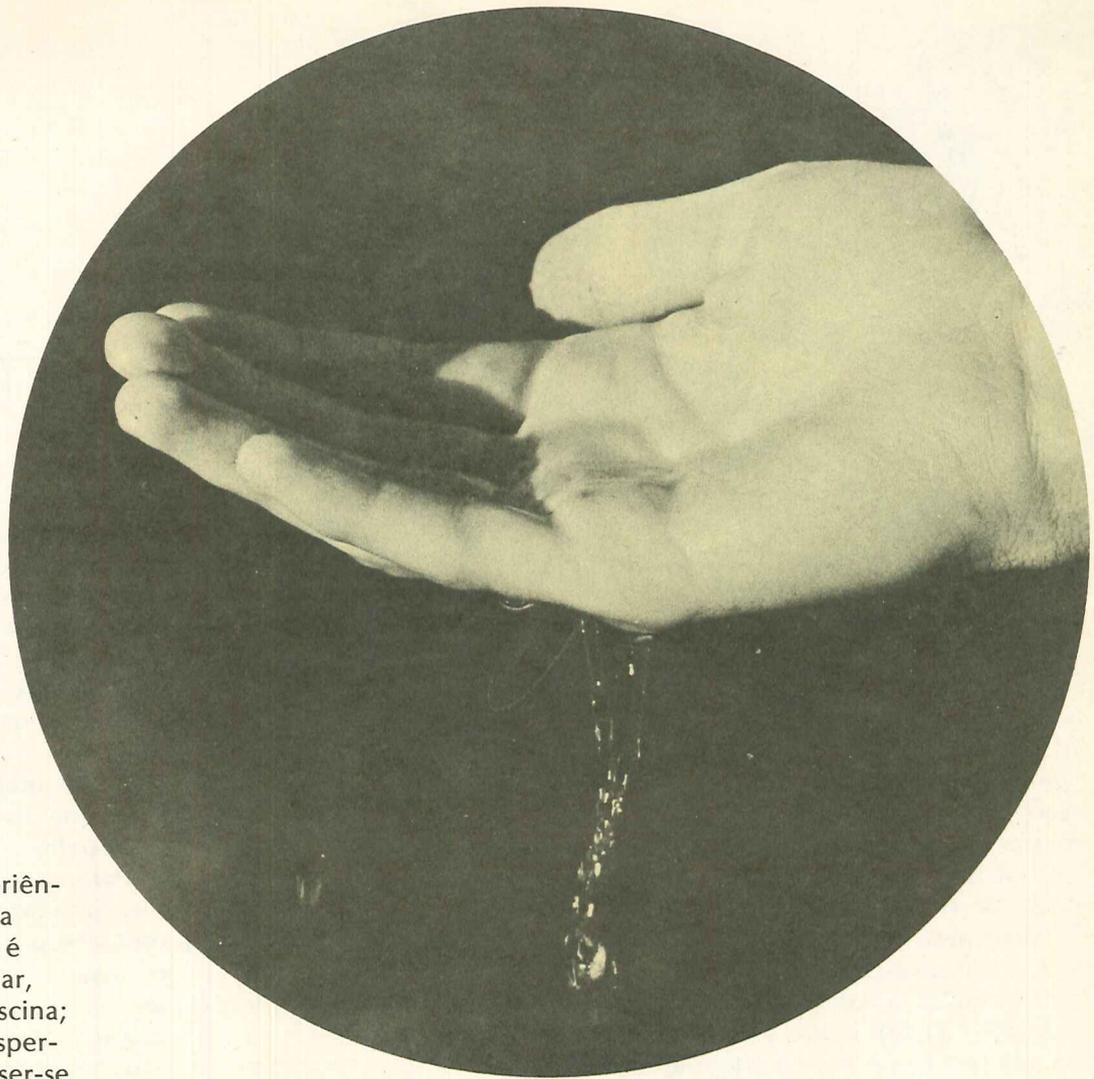
sem a relacionar ao batismo. O elemento chave na salvação é a fé. Actos 16:30-31 diz: "Senhores que é necessário que eu faça para me salvar? E eles disseram: Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo, tu e a tua casa".

Embora o batismo não seja indispensável à salvação, reconhecamos o seu valor expresso na Bíblia. Mateus 3:13-15 mostra como o Mestre o considerou: "Então veio Jesus, da Galileia, ter com João, junto do Jordão, para ser batizado por ele. Mas João opunha-se, dizendo: Eu careço de ser batizado por ti e vens tu a mim? Jesus, porém, respondendo, disse-lhe: Deixa por agora, porque assim nos convém cumprir toda a justiça. Então ele o permitiu". Aqui vemos a elevada importância deste sacramento.

Antes de subir ao céu, Jesus instruiu os discípulos acerca do

batismo: "Portanto, ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco, todos os dias, até à consumação do século" (Mateus 28:19-20). O sacramento do batismo é um acto simbólico, ordenado por Cristo, no qual damos o nosso testemunho público.

É exterior, mas representa uma realidade espiritual interior. João Batista não inventou o batismo. De há muito que era praticado pelos judeus. Os gentios convertidos ao judaísmo eram batizados em vez de circuncidados. João Batista deu novo significado ao rito antigo. O batismo simboliza a graça de Deus que recebemos na alma. É um testemunho sem palavras



daquilo que Deus fez por nós. Na sua primeira carta, o apóstolo Pedro deu uma explicação sobre o batismo: "A qual (água), figurando o batismo, agora também vos salva, não sendo a remoção da imundícia da carne, mas a indagação de uma boa consciência para com Deus, por meio da ressurreição de Jesus Cristo" (I Pedro 3:21).

Algumas pessoas questionam a administração do batismo a crianças. Dizem que é preferível esperar que tenham consciência do seu significado. Depende da interpretação que dermos ao sacramento. Se tomarmos o batismo duma criança como um acto de decisão, será mais significativo esperar; mas se o batismo é exclusivamente um acto da graça de Deus, qualquer menino pode ser batizado, mesmo o de tenra idade.

Ambas as posições serão, provavelmente correctas. Nós é que devemos decidir. Podemos apenas dedicar as crianças, deixando o batismo para mais tarde. Pessoalmente, creio que o batismo de crianças é muito significativo.

Entretanto, o essencial é que a pessoa seja batizada. Não importa quando. Phineas Bresee, o primeiro superintendente geral da Igreja do Nazareno, disse que deve haver liberdade quanto aos assuntos não essenciais. Por isso, tanto aceitamos o batismo de crianças como o de adultos.

Existem três formas aprovadas de batismo: *Imersão*, quando todo o corpo da pessoa é submergido na água; *aspersão*, quando é aspergido com água; e *afusão*, quando a água é derramada sobre a cabeça. A Igreja do Nazareno permite que cada candidato escolha livremente a forma em que deseja ser batizado.

Se você já aceitou Cristo e ainda não foi batizado, fale com o seu pastor. É um mandato do Senhor e, além disso, uma experiência muito significativa da vida cristã. □

## O SOFREDOR TRIUNFA

—Robert W. Jackson

Tem você passado por circunstâncias em que as preocupações deste mundo pareciam oprimi-lo? Em que a ansiedade, a tristeza, o choro e as dificuldades aparentavam ser maiores que a alegria, a paz e a presença do próprio Senhor? Em que tinha a sensação de Deus o ter abandonado? Ocasões, como estas ocorrem com frequência aos filhos de Deus.

No Antigo Testamento houve um homem, chamado Jó, que passou por estas fases. Encontrou-se em tais circunstâncias porque Deus permitiu a Satanás que o provasse. O Senhor sabia que Jó era varão perfeito —a vontade de Jó e a de Deus eram uma só. Os amigos de Jó apressaram-se a julgar a sua situação, insinuando algum pecado escondido no coração e não revelado à família, aos amigos ou mesmo ao líder espiritual da comunidade.

No meio da depressão, Jó proferiu palavras extraordinárias de esperança e de promessa. No capítulo 9 do livro encontra-se o monólogo sobre a não existência de qualquer mediador entre ele e Deus. Por isso Jó ora ou fala directamente com o seu Criador. Declara: "O que fez coisas grandes, que se não podem esquadrihar, e maravilhas tais, que se não podem contar" (Jó 9:10). Apesar do desânimo e de amigos que o faziam sentir-se ainda pior, Jó recorda a grandeza e as maravilhas de Deus "que se não podem esquadrihar! É impossível contá-las!" Graças a Deus!

Sofar, um dos amigos que foram confortar Jó, propôs-lhe uma ordem de fogo-intenso! O único problema do conselho de Sofar é que estava baseado na sua própria luta com a aflicção e em nada mais. Não se encontrava alicerçado na Palavra de Deus ou na oração por ajuda. O seu conselho era demasiado superficial para o que se estava a passar com Jó.

Quantas vezes, ao enfrentar o desânimo, pensamos nas maravilhas que Deus opera diariamente por nós? Ou, como Sofar, pensamos apenas que talvez não tenhamos sido fiéis a Deus na nossa vida? Quando a sós, me detenho na leitura da Palavra de Deus —a minha Bíblia, eu e Deus—medito em diversas passagens referentes às promessas divinas. Coisas maravilhosas que o Senhor fez por nós, Suas criaturas finitas, inclinadas ao pecado. O Deus infinito fez tanto por mim que, quando penso nas Suas promessas, bênçãos são derramadas sobre o meu espírito abatido. Sinto-me então restaurado para enfrentar de novo a luta.

Ao recordar tantas e tão grandes maravilhas que Deus fez por nós, apressemo-nos a testificar delas. Desse modo levantaremos um irmão ou irmã em profundo desânimo às alturas da alegria, da felicidade e da vitória só alcançada com a presença do Senhor. Deus não nos concede essas graças para armazenar, mas para compartilhar com a família da fé. São nossas para repartir com outros, de forma que levemos suas cargas, em estímulo mútuo, e ajudemos os filhos de Deus a não apostatar mas a prosseguir em vitória!

Cristãos, não esqueçais nem menosprezeis a extraordinária obra do Senhor. Estimemo-la e agradeçamo-la. Depois, compartilhem-na com mais alguém.

Contemos hoje as bênçãos divinas. Ultrapassarão qualquer medida! Não permitamos que Satanás, o inimigo das almas, nos roube a alegria e a vitória por que nos esquecemos das maravilhas que Deus fez por nós. Vivamos no espírito do nosso canto:

*Deus é tão bom!*

*Deus é tão bom!*

*Deus é tão bom para mim!*

□

# estamos juntos

Maria recebera más notícias e em circunstâncias inesperadas. Depois de terminar as tarefas do lar, sentara-se um pouco a ver televisão. Então ouviu: "Um empregado bancário, chamado João—, foi hoje acusado de desfalque. Retirou do banco uma quantia avultada".

A esposa procurou convencer-se de que se tratava de engano. O nome era o do marido, mas ela não podia acreditar.

Com temor e angústia, Maria buscou a Deus em oração.

Quando o marido regressou a casa, sob fiança, contou à esposa sua desgraça: "Há anos que me dedico ao jogo e cada vez tenho perdido mais dinheiro. Tive sempre a intenção de devolver o dinheiro ao banco, mas não consegui abafar o caso por mais tempo. Acabo de ser preso". E com voz trémula acrescentou: "Tenho de ir parar à cadeia. O melhor para ti é tratares do divórcio e esquecer-te de mim".

A esposa fixou os olhos no marido e disse: "Nós roubamos juntos o dinheiro. Iremos os dois para a cadeia e, depois, reedificaremos o nosso lar".

Ao princípio o marido não compreendeu. "Ninguém te pode tocar, tu és inocente", acrescentou. Mas quando a esposa repetiu as mesmas palavras ele pôde compreender onde ela queria chegar. Estava a identificar-se com ele, compartilhando a culpa. Era como se dissesse: "Nisto estamos juntos".

No Antigo Testamento vem mencionada uma história semelhante—a dum homem que tomou a iniciativa de reatar o amor perdido. Anos após o casamento verificou que a esposa lhe era infiel. Quando lho declarou, ela disse que os filhos não eram dele. Abandonou-o para seguir os amantes.

Embora só, o marido nunca se esqueceu dela. Depois de percorrer maus caminhos, perder a beleza e acumular dívidas, ela foi desprezada. Finalmente, os credores venderam-na como escrava para recuperarem o dinheiro.

Quando o marido soube disso, comprou-a. Então pediu-lhe: "Fica comigo e mostra-me o que és agora. Talvez possamos reconstruir o nosso lar".

No entanto, o seu coração ainda estava triste. Subiu ao terraço da casa e disse: "Ó Deus, eu amei a minha esposa, mas ela desprezou-me. Eu fui fiel, ela não". Com lágrimas no rosto descobriu uma grande verdade que o levou a esquecer-se de si próprio.

"Meu Deus, meu Deus", disse, "passaste também Tu por este sofrimento? Tu amaste o Teu povo, mas ele foi infiel. Adorou outros deuses. O Teu povo é uma meretriz como a minha esposa. Quanto deves ter sofrido!"

Oseias passou do seu pequeno mundo de sofrimento ao de Deus. Depois escreveu estas palavras: "Quando Israel era menino, eu o amei. . . eu ensinei a andar a Efraim; tomei-os pelos seus braços, mas não conheceram que eu os curava. Atraí-os com cordas humanas, com cordas de amor. . ." (Oseias 11:1-4).

Embora Deus mostrasse amor aos israelitas, eles "não se quiseram converter" (Oseias 15:5). Oseias escreveu sobre a lealdade de Deus em contraste com a infidelidade do Seu povo.

Jesus revelou constantemente este amor. "Mas ele foi ferido pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados" (Isaías 53:5). Compadeceu-Se das nossas fraquezas (Hebreus 4:15).

Muitas vezes a "religião", em vez de nos unir, separa-nos. Suponhamos que a esposa tivesse dito a João: "Eu orarei por ti enquanto estiveres na cadeia". Ou Oseias, a Gomer: "Eu pedirei a Deus que te perdoe". Existe nestas palavras um tom de separação.

Ao encarnar, Jesus identificou-Se com os homens. Seguir o Mestre é estar disposto a identificar-se com o sofrimento, as aflições, o isolamento e o desespero do mundo. O verdadeiro cristão participa nas cargas alheias como se fossem suas—porque são mesmo suas.

Maria não criticou o marido, nem Oseias a esposa. Procuraram maneira de os ajudar e estimular.

O mundo diz: "Esperarei que o outro mude. Eu já fiz a minha parte; agora depende dele". Barreiras criam separação entre os homens: uns culpam os outros.

Mas, ao surgirem obstáculos, Deus deseja que perguntemos: "Que poderei eu fazer para que o amor seja mais eficaz na identificação com o próximo?"

É provável que tal identificação origine dificuldades. Maria seria ridicularizada pela lealdade ao marido;





## a missão dos leigos

—Gerald Green

Uma tendência saudável e promissora da igreja do nosso tempo é a renovação ou o reavivamento dos leigos. Durante séculos, a igreja delegou ao clero toda a responsabilidade e iniciativa do trabalho cristão. Mas, na realidade, todas as pessoas que pertencem ao corpo de Cristo são leigos (*laos*), a quem Deus “convidou a sair” do mundo para se tornarem Seus mensageiros especiais. Seria difícil a muitos cristãos identificarem-se com a “chamada” ao ministério, por o termo se aplicar quase exclusivamente aos clérigos ou obreiros cristãos de tempo integral. Para a maioria dos membros da igreja, a frase “chamada ao ministério” implica ter de se preparar academicamente num seminário, deixar o emprego e começar a trabalhar em nova carreira até ser ordenado presbítero.

No entanto, o uso bíblico do termo “chamada” refere-se quase sempre a um convite urgente para se dedicar a vida ao serviço de Deus. É dirigido a toda a classe de pessoas. Naturalmente, um ministro é aquele que recebeu uma chamada específica; mas todos os cristãos são convidados a servir a Deus nas diferentes áreas da vida, de acordo com a sua capacidade, oportunidades e responsabilidades.

Eugene L. Smith explica: “A tarefa principal a que é enviado todo cristão—como o foi Jesus Cristo—consiste em colaborar no processo eclesiológico começado pelo Senhor. Ele transformou um grupo de discípulos assustadiços numa congregação de adoradores e deu-lhes poder para anunciarem aos homens o perdão de pecados. O nosso lugar no reino de Cristo possibilitar-nos-á a formação e a extensão de novos grupos de crentes semelhantes aos da Igreja Primitiva”.

Como norma básica da participação cristã, temos a Palavra de Deus que nos fala através dos escritos do apóstolo Paulo: “Foi ele (o Senhor) quem deu dons aos homens. Escolheu alguns para serem apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e ainda outros para pastores e mestres da igreja. Ele fez isto para preparar o povo de Deus para o serviço cristão, a fim de construir o corpo de Cristo. Deste modo, todos chegaremos à unidade em nossa fé e em nosso conhecimento do Filho de Deus. E assim seremos pessoas maduras, porque cresceremos até alcançar a altura espiritual de Cristo” (Efésios 4:11-13, *A Bíblia na Linguagem de Hoje*). □

Oseias, pelo amor à esposa. Mas o nosso interesse principal não está no que dizem as pessoas, mas em agradar a Deus.

Identificação genuína significa colocar, por amor, a nossa vida à disposição dos outros. É esquecer-me de mim próprio para socorrer a necessidade alheia. “Nisto estamos juntos”. □

—Mary Lou Pfiel

Santidade—  
Nossa Missão  
no Mundo  
1980—1985

S  
N  
M  
M

Indonésia — George Rench

A Igreja do Nazareno entrou na Indonésia com a ajuda dum leigo. Em Janeiro de 1967, I. Andrew Riise, cultivador de morangos na Califórnia, visitou Jakarta. O que viu e sentiu levou-o a fazer um bom donativo à Divisão de Missão Mundial, com o pedido de que o dinheiro fosse usado para principiar uma obra da Igreja do Nazareno na Indonésia.

Em Janeiro de 1971, a Junta Geral pediu ao Rev. e Sra. George Rench, missionários de Taiwam, que abrissem um trabalho na Indonésia. Enfrentaram imediatamente a tarefa, que parecia impossível, de obter os vistos de residência. Só o poderiam conseguir por intermédio duma igreja local independente, organizada e registada. É emocionante a forma milagrosa como encontraram uma organização que se responsabilizou pela nova obra. A 30 de Maio de 1973, o casal Rench chegou a Jakarta, a capital com 6 milhões de habitantes. Começou a trabalhar nessa pequena igreja que os ajudou quanto aos vistos. Depois dum ano, e por voto unânime da junta, o grupo uniu-se oficialmente à Igreja do Nazareno. O requerimento para a mudança de nome foi a princípio indeferido, mas depois aprovado. Que bela resposta à oração! A Igreja do Nazareno foi oficialmente registada no Departamento de Religião da República da Indonésia a 18 de Janeiro de 1975.

Foram nomeados novos missionários e, em Maio de 1975, desembarcaram na Indonésia o Rev. e Sra. Robert McCrosky, para o estudo da língua. Seguiram-nos o casal Michael McCarty, em Janeiro de 1976. Estas duas famílias procuram lançar os alicerces para uma igreja forte na Java Central. Os McCrosky ministram na área de Yogyakarta, onde há várias universidades; e os McCarty trabalham na região de Solo.

A Indonésia é um arquipélago com 13.677 ilhas. Crê-se que 6.049 são desabitadas, incluindo certos lugares exóticos de Bornéu (hoje Kalimantan), Samatra, Timor, Celebes, Bali, West Irian e Java. Quase todas as ilhas são de origem vulcânica, com aproximadamente 400 vulcões, 71 dos quais activos. Muitos indonésios vivem e morrem na zona vulcânica. O terreno é fértil, com temperatura tropical. Nele se desenvolvem quase todas as plantações. A Indonésia exporta princi-

palmente chá, ébano, pimenta, fibras, borracha, açúcar, teca, café, arroz, tabaco e especiarias. Quando descobriu a América, Colombo andava à busca de ilhas ricas em especiarias. As ilhas possuem três por cento das reservas mundiais de petróleo, o que é de grande importância para a economia indonésia.

As distâncias são enormes. Da extremidade ocidental à oriental medeiam 5.100 quilómetros; e do norte ao sul, 1.880. Portanto, existem quase 82.000 quilómetros de costa litoral.

O país situa-se ao norte e noroeste da Austrália. O equador atravessa algumas ilhas. Java, onde se encontra estabelecida a Igreja do Nazareno, fica a 800 quilómetros ao sul do equador. Ao nível do mar— onde se concentra o grosso da população e vivem mais missionários— é quente e húmido o ano inteiro. A temperatura oscila entre 32 e 38 graus centígrados, com humidade entre 90 e 95 por cento. Sobressaem duas estações: a húmida e a seca. Na ilha de Java chove anualmente cerca de 2,20 m.

A população da Indonésia é de 140 milhões de habitantes, o quinto país no mundo. A Igreja do Nazareno fica numa destas ilhas— a de Java. Embora não seja a maior é a mais importante e mais habitada, com quase 90 milhões de pessoas. Mesmo assim, 80 por cento vivem nas áreas rurais e trabalham na lavoura.

Apesar de viverem mais maometanos na Indonésia do que em qualquer outra parte do mundo, o país não é propriamente muçulmano. De acordo com a Constituição, há liberdade religiosa, mas é obrigatório professar-se uma religião reconhecida pelo governo. Cada pessoa deve ter um bilhete de identidade que traga a sua afiliação religiosa. Entre as religiões aprovadas contam-se estas: Islão, Cristianismo (evangélico e católico romano), Hinduísmo, Budismo e Confucionismo. As estatísticas mostram que 85 a 90 por cento são muçulmanos; 7 a 10 por cento, cristãos; e 4 por cento hinduístas, budistas e confucionistas.

Em 1978 o trabalho nazareno da Indonésia tinha três igrejas organizadas e quatro pontos de pregação ministrados por pastores nacionais. Em 1980, relatou 121 membros e 153 pessoas matriculadas na Escola Dominical. A Primeira Igreja de Jakarta é já auto-sustentada. □



# دليلنا من الكتاب المقدس

✓ **Em certo jornal, um ministro declarou que era egoísmo e pecado um casal não ter filhos. Usou Génesis 1:28 para apoiar a sua afirmação. Podia explicar-me isso, por favor?**

Normalmente o casamento destina-se a constituir uma família. O casal que decide não ter filhos deve estar certo de que tal decisão é da vontade de Deus e não simplesmente sua. Qualquer decisão é pecaminosa se contradiz ou se opõe à vontade de Deus.

Não me compete a mim julgar se Génesis 1:28 se aplica a todos os matrimónios. Certamente Deus é livre para decretar de outra forma em casos excepcionais.

A decisão de não ter filhos procede muitas vezes do egoísmo. Em alguns casos parece altruísta que um casal não queira filhos para evitar o aumento dum mundo já superpovoado; outros dizem que não desejam vê-los crescer num ambiente de maldade. Lembremo-nos, porém, quanto teríamos perdido, se Susana Wesley e outras boas mães tivessem pensado desse modo!

✓ **Onde se encontrará na Bíblia a criação do inferno?**

A passagem mais próxima sobre a "criação do inferno" encontra-se em Mateus 25:41—"Então dirá, também, aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e os seus anjos". Esse lugar horrível contrasta com "o reino que está preparado" para os justos desde a fundação do mundo (v. 34).

Não sei exactamente quando o inferno foi preparado como lugar de futuro castigo. Não consegui em todas as fontes do Antigo e do Novo Testamentos consultadas melhor declaração que esta de Adam Clarke: "O diabo e seus anjos pecaram antes da criação do mundo e o lugar de tormentos foi então preparado para eles; não se destinava às almas humanas; mas, como elas se tornaram cúmplices do diabo e seus anjos na maldade na rebelião contra Deus, é justo que também compartilhem com ele do seu castigo".

✓ **Gostaria que nós, os nazarenos, fizéssemos mais acerca de João 3:5—"Na verdade, na verdade, te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus". Reconhecemos que o batismo é um sinal exterior de que a obra se realizou na nossa vida. Mas Jesus declarou que a não ser que recebamos o batismo de água não entraremos no reino dos céus. Dirigia-se a "um homem" e, portanto, "nascer da água" não**

**se trata de nascimento natural. Que pensa sobre isto?**

Creio que a pessoa nascida do Espírito deve experimentar o batismo de água. Trata-se, com certeza, de obedecer à Grande Comissão que os convertidos a Cristo sejam batizados. Tenhamos presente que os apóstolos o praticaram.

Ao mesmo tempo, alguns estudiosos da Bíblia, cômnicos das palavras "um homem" nesta passagem, crêem que "nascer da água" se refere ao nascimento físico; e "nascer do Espírito", ao nascimento espiritual. Embora eu não concorde com eles, isso apenas poderia significar que estou errado.

Aceito a opinião de C. J. Wright que escreveu que "ele não significa que o acto físico de imersão na água seja indispensável para a aceleração espiritual"; e que aqueles que assim interpretam a passagem "isolam-na do contexto total quanto à ideia de Jesus expressa no evangelho".

O que eu quero dizer é que uma pessoa pode nascer do Espírito, sem ser batizada; e também, que quando nascida do Espírito deve ser batizada. No meu entender, sempre que o acto do batismo coincida com a fé na promessa do evangelho, o novo nascimento e o batismo podem ocorrer ao mesmo tempo.

✓ **Isaías (49:1), Jó (10:8-12), Jeremias (1:5) e Davi (Salmo 139:13-16) proclamam-se escolhidos para mensageiros de Deus antes do nascimento. João e Jesus são mencionados como Elias (Mateus 17:12) e o segundo Adão (I Coríntios 15:45). À luz destas referências como explicaremos a predestinação e a reencarnação? Terá Satanás o mesmo poder de enviar mensageiros à terra em forma humana?**

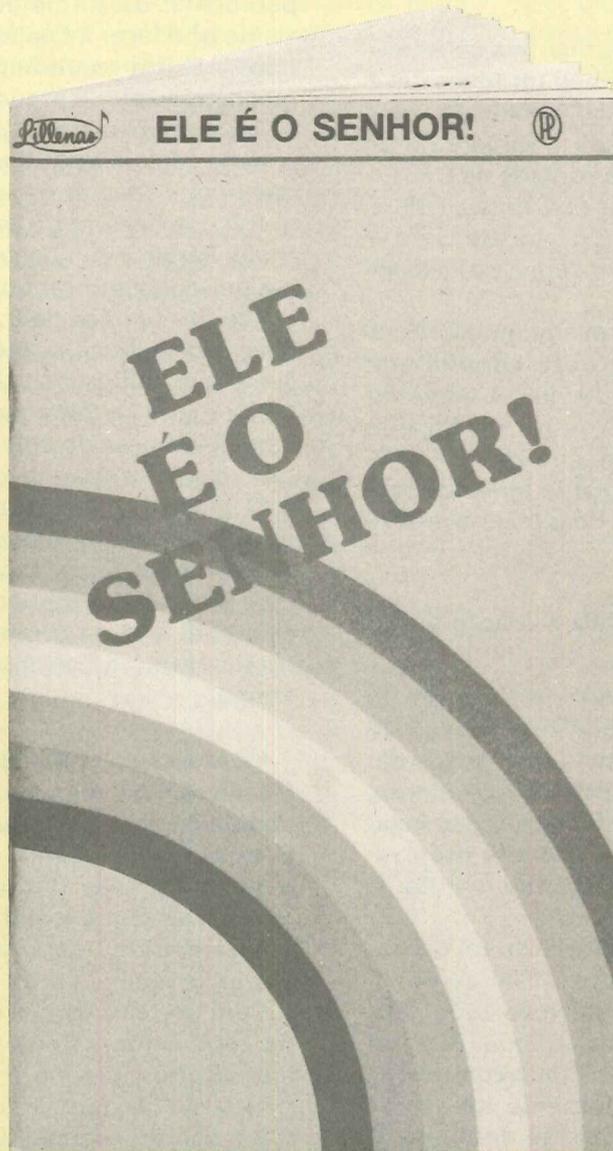
Com perfeito conhecimento do futuro, Deus pode certamente escolher alguns homens para Seus mensageiros, mesmo antes de nascerem. A experiência de Davi esclarece que se trata de compulsão e não de coerção. Em certo momento da vida, Isaías confirmou a escolha divina feita desde a eternidade: "Eis-me aqui, envia-me a mim" (Isaías 6:8).

Também desde sempre Deus determinou salvar aqueles que crêem em Jesus Cristo. Crer é nossa livre escolha, não forçada.

Quanto à reencarnação, ela não se encontra em parte alguma das Escrituras. Trata-se de doutrina pagã. João veio "no espírito e poder de Elias", mas não era Elias reencarnado (Lucas 1:17). E Jesus é o segundo Adão, o segundo homem cabeça da humanidade, mas não o primeiro Adão reencarnado.

Não sabemos exactamente quanto poder tem o diabo, mas ele está definitivamente limitado por um Deus todo-poderoso. □

NOVÍSSIMO!



NOVÍSSIMO!

- 40 músicas em arranjos especiais para jovens
- Capa a cores vivas e em material plastificado
- Muitas gravuras e ilustrações de elevado simbolismo e beleza

Preço US\$3.00

Faça hoje o seu pedido à  
**CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES**